



Club Farense  
100 Anos  
1863-2023

Club Farense  
160 Anos  
1863-2023

António Centeno Santos  
Carlos Afonso  
Augusto Miranda

Ficha Técnica:

© Club Farense, 2023

Rua de Santo António, 30 - 8000-283 Faro, Portugal

Tel. (+351) 289 822 324

Título: Club Farense 160 Anos 1863-2023

Autores: António Centeno Santos, Carlos Afonso e Augusto Miranda

Editor: Francisco Baptista Gil

Edição com o apoio da Câmara Municipal de Faro

Depósito Legal: 524376/23

ISBN: 978-989-35305-2-8

# AMIZADE

Foi com amizade, saudade e esperança que li o trabalho e estudo de um Arquitecto, um Engenheiro e um Professor, com vontade de deixarem para os vindouros a história do Club Fareense.

Como os leitores do trabalho podem constatar, a História e Vida do Club Fareense, desde a sua fundação em 1863, correspondem à História e Vida da Cidade de Faro, nos aspectos sociais, económicos, financeiros, culturais e familiares.

É pena que outras colectividades que existiam ou ainda existem em Faro, não tenham feito trabalho idêntico pois assim os leitores poderiam compreender os contextos em que essas associações se formaram e desenvolveram o seu trabalho.

Com os parabéns ao Club Fareense pelo seu 160º Aniversário, aqui fica o repto.

João Carlos Dionísio Botelho

Advogado e Antigo Presidente da AG do Club Fareense



# O CLUB FARENSE DE 1863 A 1997

*António Centeno Serrano Santos*

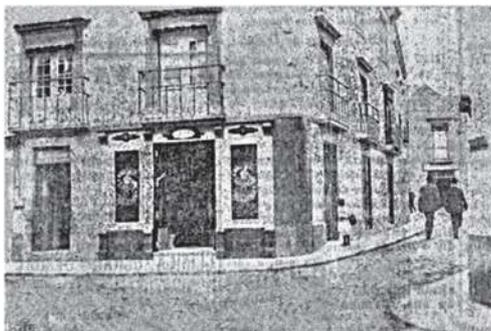
Arquitecto | Presidente da Direcção do Club Farense de 2006 a 2013

---

O Club Farense, que hoje ocupa grande parte do antigo Palácio Pantoja, na Rua de Santo António nº 30, em Faro, tem como data oficial de fundação o dia 1º de Dezembro de 1863.

Efectivamente na sua primeira reunião de Direcção, realizada a 12 de Fevereiro de 1864, foi decidido que “o dia de inauguração da sociedade deve ser considerado o 1º de Dezembro de 1863, para efeito de pagamento de cotas”. Dos setenta e nove sócios fundadores, todos eles cavalheiros da melhor sociedade farense de então, foi escolhida a primeira Direcção do Club, presidida por Alexandre Augusto Freire de Calheiros, sendo o lugar de Secretário da Direcção ocupado por José Gonçalves da Cruz Viva, sacerdote e professor do Liceu de Faro. A primeira sede do Club, foi instalada num imóvel, propriedade de Samuel Amram, figura destacada da comunidade judaica de Faro, localizado no gaveto das antigas Ruas do Rego e das Lojas, actualmente D. Francisco Gomes e Ivens, no preciso local onde, atualmente, o Banco Millennium tem a sua agência.

Pela leitura das primeiras actas da Direcção do Club Farense, confirma-se que o objectivo principal, subjacente à fundação desta associação, foi o da criação de um espaço onde os sócios se pudessem encontrar para confraternizar e jogar, não havendo qualquer referência a actividades dirigidas às famílias dos associados, o que só virá a acontecer posteriormente.



Primeira sede do Club Farense,  
na actual Rua D. Francisco Gomes.



Página inicial do livro de inscrição  
de sócios do Club Farense.

Assim, na Acta da Direcção de 24 de Abril de 1867 é pela primeira vez referida a intenção de se “ampliar às famílias dos sócios as distrações adequadas e provenientes da nova organização que se poderá dar. O fim consiste em oferecer mensalmente uma Soirée familiar, sem etiquetas e um baile anual às famílias dos sócios”.

Por esse motivo, a Direcção do Club considerou necessário e indispensável “mudar de casa”, o que se concretizou em Março de 1868, na Direcção presidida por João José Botelho Palma, com o aluguer de um imóvel no Largo do Terreiro do Bispo, propriedade de Francisco da Silva Soares, e pelo qual passou a pagar a renda mensal de 6 mil reis. As instalações que até aí se resumiam a salas de jogos e de leitura de jornais e revistas, passam a ser maiores e a exigir mobiliário que é necessário adquirir, o que se depreende da acta de Abril de 1868.

Em Fevereiro de 1873 o Club volta a mudar de endereço e aluga os “altos das casas que o Sr. Joaquim José Leal possui no Largo da Madalena” de acordo com a escritura que vem a celebrar a 4 de Dezembro de 1873, passando a pagar 9.000 reis de renda mensal.

Neste período, onde já se constata haver uma maior utilização dos espaços para convívios, serões e bailes, é encarada pela Direcção a possibilidade de se contrair um empréstimo no valor de 700.000 reis, com “vista ao alargamento do salão de baile, e suas decorações, compra de mobiliário e de um bilhar, do sistema moderno”.

Porém, em 1879 apresenta-se disponível para arrendamento um edifício melhor localizado e mais amplo, situado no gaveto fronteiro à primeira Sede do Club. Deste modo, a 29 de Maio de 1879 é celebrada a escritura de arrendamento dos “altos duma moradia de casas nobres, na Rua das Lojas, nº20”, pertencente a Luís Aurélio Rodrigues Nogueira, com frentes para as actuais Ruas D. Francisco Gomes e Ivens, e traseiras para a actual Rua Tenente Valadim.

Nesta morada vai o Club Fareense instalar-se durante os trinta e oito anos seguintes, cimentando o prestígio já adquirido e promovendo actividades, que o colocam como o mais importante Clube Social da Cidade e do Algarve.

É de destacar o elevado grau de exigência na admissão de novos sócios, sempre propostos por associados mais antigos bem como, a partir de 1880, a obrigatoriedade de inscrição prévia no “Livro de Apresentações” de todos os visitantes e seus apresentadores (sócios do clube), prática essa que se vai manter até 1952. A ocupação da totalidade do piso nobre do referido imóvel, com uma área bruta de 440 m<sup>2</sup>, e acessível a partir da Rua Ivens, vai permitir ao Club Fareense a organização de um elevado número de actividades sociais dirigidas aos sócios e respectivas famílias. É a partir desta data que são programadas, várias soirées e “festas familiares” nomeadamente no Carnaval, Páscoa, Outono, e nos dias 8 e 31 de Dezembro.

Destas festas vários testemunhos chegaram aos nossos dias, nomeadamente o do Dr. Justino Bivar Weinholtz, antigo sócio do Club Fareense, em “Faro no decorrer do sec. XIX”:

*Os anos passam e Faro vai evoluindo para uma civilização maior. Organiza-se em 1863 o Club Fareense, de tão nobres tradições. A ele acorrem as melhores famílias da terra. De vez em quando a política inocula o terrível “vírus” na harmonia da sociedade. O próprio Governador Civil, de política adversa à maioria dos sócios é escorraçado e o seu grupo forma dissidência e funda outro Club, de efémera duração”. E mais adiante refere “Os bailes e festas no Club Fareense, marcam pela sua elegância dançavam-se as quadrilhas de honra, em que os oficiais da marinha, então muito numerosos e sociáveis, brilhavam nas suas fardas.*



A Rua do Rego, actual Rua D. Francisco Gomes, tendo ao fundo o imóvel de gaveto, onde esteve instalado o Club Fareense a partir de 1879

No jornal “Distrito de Faro”, na sua edição de 28.09.1882:

*No sábado teve lugar no Club Fareense, uma reunião familiar promovida, por uma comissão composta dos Srs. Albino Florido da Cunha Toscano, Manuel Joaquim Teixeira de Almeida, Manuel de Bivar Gomes da Costa Weinholtz, E. Solter e Sousa e António Joaquim Tavares Belo. Entre as damas que ali compareceram e que todas trajavam elegantes toilettes, lembramo-nos de ter visto as Exmas esposas e filhas do Sr. Bacharel Jeronymo A. de Bivar Gomes da Costa, esposa e filha do Sr. Bacharel José Francisco Guimarães, D. Apolónia de Moura e sobrinha, esposa do Sr. Augusto Cesar Tavares Belo (...). Assistiram a esta soirée além da sua comissão promotora, os Srs. Bacharéis Jeronymo A. de Bivar Gomes da Costa, Manuel Águedo Gomes de Miranda, Manuel Joaquim de Almeida, José Diogo Frederico Crispim, João Velloso Pessanha Cabral (entre muitos outros). O serviço foi abundante e executado de forma irrepreensível. Dança-se animadamente até às seis horas da madrugada. Na terça-feira houve no mesmo Club, uma outra soirée também muito concorrida e animada.*

Luís Filipe Rosa Santos, em “Faro, um olhar sobre o passado recente segunda metade do sec. XIX (1997) descreve as festas de Carnaval no Club:

*Na segunda-feira, houve uma “soirée costumée” no Club Fareense. As salas estavam alegremente ornamentadas. Participaram 74 damas trajando ricas e formosas toilettes e 92 cavalheiros. Muitas damas ostentavam lindos trajos. D. Isabel Cumano de Bivar, encontrava-se de dama do tempo de D. Maria II, D. Anna Bivar Weinholtz com uma fantasia que imitava um malmequer, D. Amália Augusto Bandeira de bailarina espanhola, D. Maria José Bandeira, de senhora da época de*

*Henrique II. Entre os cavalheiros sobressaiam Paulo Cúmano, à Francisco I, Constantino Cúmano à época actual, com casaca encarnada, Francisco de Assis Júdice e Abrahão Amran com trajas da corte e Sebastião Ramalho de Macedo Ortigão, à Luis XV.*

*Dois anos mais tarde, em 1891, a matinée de sábado de Carnaval no Club Fareense esteve animada. A meio da escadaria três vasos de camélias iluminadas pela luz dos candelabros. As salas estavam ornamentadas com extrema simplicidade e bom gosto. No fim da primeira contradança, como era da praxe no Club, as formosas mascaradas abandonavam as mascarilhas. Depois era um delírio constante com as quadrilhas, as polkas e as valsas. Por volta das cinco horas dava-se início ao cotillon, geralmente marcadas por uma das damas mais respeitáveis e um dos mais ilustres cavalheiros. Em seguida foi servido chocolate quente e ainda se voltou a dançar. A reunião terminou depois das 6.00 horas da manhã.*

O Regulamento interno do Club, revisto e actualizado em 1906, determinou a obrigatoriedade de se organizarem anualmente duas soirées de gala, uma no Carnaval e outra a 8 de Dezembro, e quatro “reuniões familiares”, duas no Carnaval, uma no sábado de Aleluia e outra a 31 de Dezembro. Para além destas festas previstas no Regulamento Interno, muitos outros eventos irão organizar-se, nomeadamente na época carnavalesca, como se pode comprovar pela Acta de 24.01.1914, na qual “Ficou decidido que se recebam máscaras nas noites de 1,5,8,12,15,19 e 22 de Fevereiro, que se desse uma soirée na



Grupo de empregadas que serviram um almoço de festa oferecido a jornalistas ingleses, no Club Fareense - 1913

noite de 21 do mesmo mês, e “reuniões familiares” na 2ª e 3ª feiras de Carnaval e uma matinée infantil também na 2º feira de Carnaval.”

Em 1916, possuindo o Club um número de sócios superior a 250, em dias de festa, o 1º andar do edifício da Rua das Lojas “rebetava pelas costuras”. Dado que no piso térreo da sua sede, duas lojas anteriormente ocupadas pela redação do Jornal “O Sul” e pela delegação do “Sindicato Agrícola” se encontravam disponíveis, decidiu-se contactar o senhorio com vista ao seu possível arrendamento. Paralelamente foi encomendado à firma Peres e Barros - construtores civis, um projecto de arquitectura, que visava a redistribuição dos espaços pelos dois pisos, garantindo-se salas mais amplas e um salão de baile bem maior. Por esta altura, o museu marítimo que ocupava parte do Palácio Pantoja, na Rua de Santo António vai instalar-se na Escola de Alunos Marinheiros do Sul, deixando o prédio devoluto.

Assim, de acordo com a Acta da Assembleia Geral do Club Farense realizada a 16 de Junho de 1916, a Direcção do Club vai visitar o imóvel verificando que “reúne as condições para, após grandes obras, receber as instalações do Club Farense”.

E por saber que outra Associação Recreativa, o Ginásio Club, também pretendia as mesmas instalações do Palácio Pantoja, a Assembleia Geral dá aprovação a essa escolha nomeando “uma comissão para elaborar o contrato de arrendamento e plano financeiro que permita levar a efeito a obra”.

Concordando a proprietária do imóvel, D. Ana Marinha de Lemos Freire de Pantoja, com os termos do futuro contrato de arrendamento, a Direcção presidida pelo Tenente Coronel João Cochado Martins encarrega de novo a firma Peres



Alçado do Palácio Pantoja na Rua de Santo António onde se encontra instalado o Club Farense desde 1917.

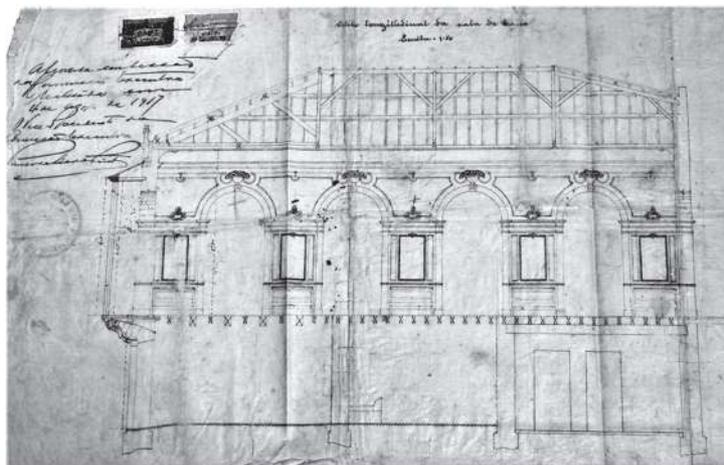
e Barros - construtores civis, da elaboração do projecto de arquitectura, contemplando o programa definido e do qual se destaca como principal espaço, o grande Salão de Baile.

O Palácio Pantoja, edificado na transição do séc. XVII para o séc. XVIII, é um belo exemplar da arquitectura chã, pela sua volumetria, fenestração, cantarias, coberturas, com dez janelas de sacada para a Rua de Santo António e alçados posteriores para a Rua Rebelo da Silva. A Direcção vai escolher os compartimentos e áreas descobertas a ocupar, que lhe permitam a concretização de todo o programa de obras previamente definido, reservando a senhoria uma ala do imóvel com acesso independente, para sua residência.

Se bem que a tomada de posse das novas instalações tivesse sido rapidamente concretizada a 1 de Setembro de 1916, o contrato de arrendamento com a senhoria, só foi assinado a 31 de Julho de 1917.

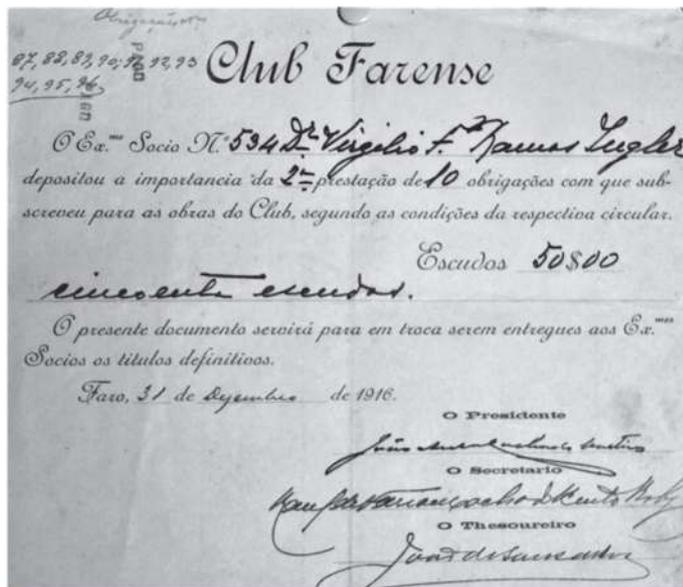
Nesse contrato estipulou-se o arrendamento de parte do prédio, pelo prazo de dezanove anos, a contar da data de 1 de Setembro de 1916, com uma renda mensal de 25\$00, sendo descritos todos os compartimentos e espaços arrendados, “na frente para a Rua de Santo António quatro salas grandes e mais no interior cinco compartimentos mais pequenos, escadas nobres e pátio, corredor, galeria, dois quartos, escadas para o quintal, ficando com entrada comum para a Rua Rebelo da Silva (...) e mais as casas que ficam debaixo do terraço, junto ao corredor da galeria”.

Já tinha sido previamente acordada com a senhoria a construção do grande Salão de Baile, que irá ser erigido sobre os antigos armazéns e cavalariças com frente para a Rua Rebelo da Silva.



Projecto do Salão de Baile, corte longitudinal.

Aprovado o projecto de remodelação da parte arrendada do Palácio Pantoja, concluída a construção do corpo do Salão de Baile e orçamentadas todas as empreitadas de obras a realizar, que globalmente atingiam os 5.000\$00, resolveu a Direcção do Club, como forma de obter o montante necessário, emitir obrigações, a subscrever pelos sócios, no valor nominal de 10\$00 por unidade, e que tiveram total aceitação entre os associados.



“Obrigação” subscrita por um sócio, para custear as obras do Club Farense em 1916/17

Estando deste modo garantidos os fundos necessários, foi lançado o concurso para a primeira empreitada de construção civil, que foi adjudicada a 17-07-1917 à firma Peres, Barros & Companhia pelo valor de 2.982\$00.

Seguiram-se as empreitadas referentes à construção do Salão de Baile, soalhos e carpintarias e trabalhos de estuque.

A 20 de Outubro de 1919, estando praticamente concluídas todas as obras, foi finalmente instalado o contador eléctrico, substituindo-se assim a iluminação a acetileno pela iluminação eléctrica.

O Club dispunha agora de um grande número de salas, das quais destacamos: o Salão de Baile, com uma área de 155 m<sup>2</sup>, várias salas de passagem, sala do bufete ou dos arcos, salas de fumo e gabinetes das senho-

ras, sala de leitura, duas salas de jogos, gabinete de jogo, sala de bilhar, gabinetes da Direcção e dos contínuos, complementadas por dois vestíbulos e escada nobre, instalações sanitárias das senhoras e dos cavalheiros, cozinha e arrecadações, que distribuídas por dois pisos, ocupavam uma área de 850 m<sup>2</sup>.

Já neste ano de 1919, as novas instalações do Club, recebem a sua primeira grande soirée, na noite de 31 de Dezembro. Nos anos seguintes, o Club expande-se, cresce em número de sócios e em actividades sociais, aumentando em 1920 e 1921 a quantidade de

soirées dançantes e os eventos da quadra carnavalesca.

No ano de 1922, o Buffet da Soirée de Carnaval, é fornecido pelo “Grande Hotel” da Rua Infante D. Henrique, e para tocar é contratado o Quarteto Borsati de Tavira, estendendo-se o contrato para o baile de 26 de Março, Sábado de Aleluia. O Club tem 282 sócios e uma intensa actividade social. É precisamente nesse ano que é apresentada pela primeira vez a candidatura de um elemento do sexo feminino e sócia do Club a professora da Escola Primária Superior de Faro, D. Emília Corrêa Marcelo.

Havendo dúvidas se esta candidatura estaria conforme o disposto nos Estatutos do Club, a Direcção, presidida pelo Dr. Justino de Weinholtz, solicita ao Presidente da Assembleia Geral, João Franco Pereira de Matos, a discussão deste assunto, tendo a mesma reunido para esse efeito a 14 de Novembro de 1922. Segue-se um excerto da acta que se lavrou então:

*Tomou a palavra o Sr. Presidente da Direcção que pediu á Assembleia, se manifestasse sobre a interpretação a dar ao artº 2 dos Estatutos, pois tendo sido presente à Direcção uma proposta para admissão de uma Senhora, para sócia do Club, e que pela primeira vez se dera, esta tinha dúvidas sobre se a palavra individuo, no caso em questão, abrangia também os do sexo feminino. Não se tratava do caso restrito da senhora que se propunha, mas sim de estabelecer doutrina. Falou depois o Sr. Coronel Pires Viegas que disse não comportar o caso duas interpretações, individuo pode ser d`um ou outro sexo, sendo por isso de opinião que as Senhoras podem ser sócias. O Sr. Dr. Silvestre Falcão, não está de acordo com aquela interpretação, no caso restrito de que se trata (...) Foi o assunto posto à votação, sendo aprovado por maioria que as senhoras podem ser sócias.*

A partir desta admissão, nos anos seguintes, algumas senhoras, poucas, tornaram-se sócias do Club Farense, quase todas Professoras do Liceu Nacional de Faro.

Segundo a Acta de 26 de Março de 1923, foi realizado um baile de gala, no dia 5 de Abril, para “mostrar aos alunos finalistas do Liceu Passos Manuel de Lisboa, a primeira casa do Algarve neste género, em noite de festa”. Este evento quase provocou a demissão colectiva da Direcção do Club, então presidida pelo Dr. Miguel Roldan Ramalho Ortigão, dado a mesma ter considerado um desrespeito à Direcção o facto de alguns sócios se terem apresentado no baile em “traje de passeio”, quando o convite designava “traje de soirée” como indumentária obrigatória.

Mas as actividades do Club não se resumem só a bailes e soirées... Em Outubro de 1924, dando continuidade ao que acontecera em anos anteriores, vão realizar-se os “III Jogos Florais do Algarve”. Para constituir o júri, foram nomeados os Srs. Dr. Constantino de Bívar Cúmano, Bernardo de Rodrigues Passos e António Santos, distintos homens de letras e para mantenedor foi convidado o ilustre Poeta, Dr. Cândido Guerreiro. As poesias premiadas seriam lidas no baile de 8 de Dezembro.

Em Fevereiro de 1929, acompanhando as novas correntes musicais, decide a Direcção do Club contratar a Orquestra “Jazz Algarve”, para actuar em todos os eventos da quadra carnavalesca.

A necessidade de obras de manutenção e de melhoramento dos espaços de um edifício antigo e as dificuldades financeiras serão uma constante nesta fase da vida do Club.

A 4 de Abril de 1930, a Direcção do Club decide liquidar com juros, os títulos de dívida que os sócios tinham adquirido em 1916 e 1917, para custear as obras da instalação do Club, no Palácio Pantoja.

No ano seguinte foi decidida a realização de obras de beneficiação na escadaria nobre do Club, executadas pelo canteiro António Thomás Ramos, pelo valor de 4.950\$00. Desta intervenção reportamos o que sobre este assunto foi redigido em Janeiro de 1933, no relatório de gerência da Direcção referente ao ano de 1932:

*Casa antiga que foi solarenga e que anualmente absorve uma grande parte das receitas. Muito há n'ela que fazer não só para a sua conservação, como para conforto de todos.*

*Alguma coisa de importante e cuja necessidade de há muito vinha sendo reconhecida se levou a efeito: Queremos referir-nos à escadaria e ao átrio. Diga cada qual o que disser, aprecie cada qual como quiser, que uns classifiquem de jazigo ou outros taxem de mostuário de mármore, as obras executadas, o que podemos afirmar a V. Ex<sup>a</sup> é que nos encontramos satisfeitos com o melhoramento introduzido.*

Como se pode constatar, as acções da direcção nem sempre eram isentas de críticas da massa dos sócios.

No ano de 1931, a 10 de Setembro, decidiu-se mandar executar o guarda vento de madeira instalado no átrio térreo, pelo valor de 1.350\$00, guarda vento esse, que se encontra ainda a cumprir as suas funções.

Nesse mesmo ano, a Direcção do Club teve conhecimento de nova mudança de senhorio, uma vez que o Sr. João Jacinto de Sousa, que adquirira a D. Ana Pantoja a parte do imóvel arrendado em 1920, a ter vendido ao Dr. João Esquível, igualmente sócio do Club Fareense.

A 16 de Fevereiro de 1932, e por iniciativa de uma comissão de senhoras, mulheres de sócios, o Club Fareense resolveu “solenizar a vinda ao Algarve” do Presidente da República, General Óscar Carmo- na, com a realização de um baile de gala, que iria encerrar as homenagens promovidas pela Câmara Municipal de Faro para esse dia.

No Carnaval de 1938, os valores exorbitantes exigidos pelas orquestras para os bailes de Carnaval, levam à decisão de contratar a pianista D. Simone Maria Pimenta, para abrilhantar musicalmente os eventos programados para a época.

Contudo, para a soirée de passagem de ano, O Club volta a contratar uma banda, pela qual pagou a importância de 350\$00. É nesse evento que se vai introduzir a “Ceia à Americana” encomen- dando o Club, em Lisboa, numa casa da especialidade, os “brinquedos” necessários para assinalar a vinda do novo ano.

No início da década seguinte, o Club vai envolver-se de novo em obras de melhoramento da chamada “sala dos arcos”, total-



Baile de Carnaval do Club Farense na década de 1940.

mente subsidiada, em 1943, por um grupo de sócios cujos nomes se encontram inscritos na folha de subscrição. Esta intervenção vai ser orientada pelo Arquitecto Jorge de Oliveira, sócio do Club que graciosamente projetou a remodelação do referido espaço, dando-lhe um cunho “Estado Novo”, nomeadamente através da lareira, lustres e apliques de iluminação.

A acta da Direcção do Club Farense datada de 23 de Fevereiro de 1944, atribui-lhe um voto de louvor.

Mas a necessidade de obras de manutenção continua a fazer-se e sentir e em Outubro de 1947, a Direcção do Club Farense acor-

dou com o novo proprietário do Palácio Pantoja, Dr. João Esquivel, médico e sócio do Club, a realização de profundas obras de conservação no valor de 50.000\$00, e em contrapartida foi actualizado o valor da renda mensal para os 800\$00.

Foi também da responsabilidade do Arquitecto Jorge de Oliveira, o projecto da construção do bar anexo à sala dos arcos, concluído em Junho de 1951 e que hoje, após os devidos restauros, se preserva.

Em Fevereiro de 1952, as festas da quadra carnavalesca do Club contaram com a presença da “Orquestra Ligeira Académica de Coimbra” da UC, que em visita anterior já havia manifestado interesse nessas actuações.

Nos anos seguintes, o Club realizou as soirées e reuniões familiares do Carnaval e da Passagem de Ano, consignadas nos “Estatutos”, tendo contratado várias orquestras para esse efeito, nomeadamente a “Florida Orquestra de Jazz” para a noite de 31 de Dezembro de 1953 e a “Orquestra Imperial” para os bailes da quadra Carnavalesca de 1957.

No entanto, sabe-se que em 1956 tinha sido adquirida uma completa aparelhagem sonora da marca Telefunken, no valor de 18.000\$00 com a finalidade de substituir as orquestras em dias de baile.



Folha de subscrição, para subsidiar as obras da Sala dos Arcos, de autoria do Arquitecto Jorge de Oliveira

Em Dezembro de 1963, foi solenemente comemorado o centenário do Club Fareense, com o descerramento de uma lápide no topo da escadaria, e uma sessão solene, no Salão de Baile, que teve como principal orador o então Presidente da Direcção do Club Fareense, Dr. Raul Cúmano de Bivar Weinwoltz, descendente de alguns dos setenta e nove sócios fundadores.

Mas os tempos vão mudando, e em 1970 o Club apenas organiza uma matinée no Domingo de Carnaval, não havendo referência nas actas da Direcção de então, às tradicionais soirées da quadra, ou aos dias de “recepção de máscaras”.

Assiste-se contudo à cedência das instalações do Club, à Comissão de Festas dos Finalistas do Liceu Nacional de Faro para a realização de dois bailes, a 25 de Janeiro e a 21 de Fevereiro de 1970.

Esta cedência, repetiu-se no ano de 1971, tendo os Finalistas do Liceu, organizado um baile de angariação de fundos, no dia 27 de Novembro. Apesar de a situação financeira nesses últimos anos, se afigurar sólida, considerando as receitas das salas de jogo, que permitiam ao Club, manter um quadro permanente de funcionários - constituído por um mordomo, dois contínuos e pessoal de limpeza e de apoio ao bar, e garantir as permanentes obras de conservação das coberturas e de todo o edifício já tricentenário, as actividades sociais do Club eram quase inexistentes.

O Club praticamente só era utilizado pelos frequentadores das salas de leitura, Tv e jogo. Mas um grupo de mulheres de sócios, dava utilização à denominada “Sala das Senhoras”, antiga sala de visitas do solar, para chá e canasta durante a tarde. O grande Salão de Baile recebia alguns conferencistas e na época do Carnaval organizava-se uma matinée infantil carnavalesca, dirigida aos filhos dos associados.



Baile de Finalistas do Liceu Nacional de Faro – 1970.

Durante o período conturbado do 25 de Abril de 1974/75 houve a ameaça de ocupação do Club por parte de alguns partidos da “esquerda revolucionária” para a instalação de um “equipamento social”. O Club pela sua tradição elitista e espaço de “difícil acesso” ao comum cidadão farenses, constituía um alvo a abater. Valeu-lhe, a defesa intransigente do seu mordomo, José de Sousa, antigo operário corticeiro e também antigo Presidente do Sindicato dos Corticeiros de Faro e militante do Partido Comunista, que inviabilizou tal intenção, tendo sempre garantido os interesses do Club, até à sua reforma, já na primeira década do séc. XXI.

A 10 de Maio de 1983, o Primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão concedeu ao Club Farenses o estatuto de “Utilidade Pública”, facto de grande significado, pela importância que se reveste esta atribuição. Nesse ano, a 8 de Dezembro, o Club Farenses celebrou os seus 120 anos, com uma “sessão comemorativa”, na qual intervieram, como orador principal o Presidente do Conselho Fiscal de então, José Francisco

Correia dos Santos, João Dias Pires numa evocação poética e o pianista Nuno Xavier num momento musical, a que se seguiu uma confraternização de sócios e convidados.

Em 1990 um novo ciclo se anuncia com um grande Baile de Carnaval, que vai marcar a história deste Club. Com efeito, por solicitação de um grupo de cidadãos farenses, antigos alunos do Liceu Nacional de Faro dos anos 60, foi cedida a Sala de Baile, para aí se organizar uma “Soirée Carnavalesca”, numa grande e concorrida festa “masquée”.

Transcrevemos parcialmente a acta da reunião de Direcção de 28 de Fevereiro, no que se refere a esse evento:



Baile de Carnaval Anos 60 – Grupo na Biblioteca – 1989.

*... De facto foi uma das noites de Gala, na vida do Club, pois há mais de vinte anos, que não se realizava com tanto brilho, uma Festa de Carnaval que com sucesso movimentou a Rua de Santo António até ao número trinta, colocando-se as pessoas que transitavam em alas até à porta do nosso Clube, deslumbradas com os trajes e disfarces dos casais. A Sala Nobre do Clube apresentava uma decoração fora do normal com efeitos luminosos e ricamente engalanada.*

A partir desse ano e por proposta do Dr. Carlos Alves Afonso, membro da Direcção do Clube e antigo aluno do Liceu Nacional de Faro, vários elementos deste grupo inscrevem-se como sócios do Club Farense, tendo a primeira admissão sido aceite na reunião da Direcção de 21 de Março.

Em Junho desse ano é posto em cena no Salão de Festas um café-concerto - “Barcaré” inteiramente produzido, montado e ensaiado nas salas do Club, pelo grupo “Anos 60”, segundo textos do Prof. Franklim Marques e do Dr. Carlos Alves Afonso e direcção do Dr. José Luis L. da Silva Louro, antigo Professor do Liceu de Faro, com apoio musical de uma banda composta por vários elementos do grupo dos “Anos 60”.

Segundo as actas da Direcção do Club Farense “todos estes espectáculos da realização dos “Antigos alunos do Liceu Nacional de Faro dos «anos 60», foram dum sucesso total, e porque o salão se esgotava, foram realizados três espetáculos”.



Café- Concerto “Barcaré” apresentado no Salão de Festas do Club Farense.



Carnaval Anos 60, no Salão de Festas do Club Fareense – 1990

Dado o estado de degradação em que se encontravam as instalações do Club, em Outubro de 1990, foi celebrado um protocolo com a Câmara Municipal de Faro, para realização de obras de manutenção e reabilitação do edifício, bem como para aquisição de mobiliário, cortinados tapetes... As instalações da Sociedade vão reabrir em todo o seu “esplendor” a 30 de Novembro com a realização de uma conferência comemorativa dos 350 anos da Restauração, promovida pelo Comandante Virgílio de Carvalho.

A 9 de Fevereiro de 1991, de novo é realizado um grande baile de Carnaval, agora com a colaboração de todos os novos sócios que

havam entrado no ano anterior para a associação. O sucesso foi idêntico ao do ano de 1990, tendo a matinée infantil de terça-feira gorda atingido igual brilho.

Em Outubro desse ano, o Grupo dos anos 60, agora associado do Club, vai utilizar o Salão para a preparação e ensaios da revista “Todos à Babuja de autoria da mesma equipa do café-concerto “Barcaré” e que vai ser estreada no Teatro Lethes com grande sucesso. Os ensaios de teatro, música, dança, preparação do guarda-roupa, dos cenários, dos adereços de cena, a venda dos bilhetes para estes espetáculos vão ter lugar no Club Fareense, criando um constante corrupio de “sócios” e “não sócios” pelas escadas e espaços do Clube numa animação até então pouco usual naquelas instalações.

No dia 3 de Abril de 1992 uma conferência proferida pelo Prof. Marinho Antunes, sobre a “A família no actual contexto Europeu”, esgotou completamente o salão, atingindo o número recorde de 220 pessoas. Ainda em 1992, em Outubro e Novembro, novo espectáculo de revista - “Revisão da Matéria Dada, Ponto Final-Chamadas”, dos antigos Alunos do Liceu de Faro dos “anos 60” foi preparada e ensaiada nas instalações do Club



Revista “Revisão da Matéria dada, ponto final, chamadas!” no Teatro Lethes – 1992

Farense, em Outubro e Novembro e apresentada no Teatro Lethes, com pleno sucesso, nos últimos dias de Novembro.

Ainda em Dezembro desse ano e em colaboração com a Casa das Artes de Tavira foi decidido promover o “Curso da História da Música” dirigido pelo Maestro António Vitorino de Almeida, que teria lugar no Salão do Clube, com a duração de dois anos.

Assim, no ano de 1993 e para além do já tradicional Baile de Máscaras de Carnaval - “anos 60” e da Matinée Infantil, deu-se início ao “Curso da História da Música” com a adesão de grande número de participantes e gerando um grande interesse na sociedade farense. Começam também os preparativos para a encenação e montagem da revista com maior êxito do grupo dos “anos 60” denominada “Lethes Go”, estreada no Teatro Lethes em Junho e com uma segunda temporada em Outubro, com mais de uma dezena de espectáculos com lotação sempre esgotada.

A totalidade das receitas obtida com a venda dos bilhetes desta e de anteriores revistas promovidas por este grupo de sócios, foi destinada a “Instituições de Solidariedade Social” do concelho, e também ao Club, a fim de subsidiar as constantes obras de conservação do Palácio Pantoja.

Destaque para a comemoração dos 130 anos do Club a 8 de Dezembro de 1993, com um espectáculo do grupo de fados “Ecos de Coimbra”. Pela voz do Presidente da Direcção do Club Farense - Sr. José Francisco Correia dos Santos e na presença do sócio mais antigo, Dr. João Olímpio Passos Valente, foram evocados todos os sócios que marcaram a história do Club.

No ano de 1994 a soirée de Máscaras - “anos 60”, foi abrilhantado pela orquestra de baile espanhola “Barbacoa” enchendo-se os salões com um elevado número de foliões e fantasias de grande qualidade e originalidade, que participaram ao concurso de máscaras do Club.



Curso de História da Música dirigido pelo Maestro António Vitorino de Almeida - 1992



Revista “Lethes Go”, no Teatro Lethes – 1993



Comemorações dos 130 anos do Club Farense – o sócio mais antigo Dr. João Olímpio Passos Valente.



Sala das Colunas



Biblioteca



Salão de Festas

O curso de História da Música” orientado pelo Maestro António Vitorino de Almeida continuava a ser ministrado no Salão de Festas, com grande afluência de participantes. Também prosseguiram as actividades dos sócios que integravam o grupo dos antigos alunos do Liceu de Faro, preparando mais uma revista, a que deram o nome “Que Faro Este” e que foi apresentada no Teatro Lethes, nos finais de Novembro, sempre com lotação esgotada.

Para além de todas as actividades já referenciadas anteriormente, que irão continuar a realizar-se nos anos de 1995 e 1996, destacam-se ainda nas noites de fim de ano, os jantares de São Silvestre, no Salão de Festas do Club, com catering do Restaurante Ribatejano e animação musical da banda dos “anos 60”.

A 7 de Fevereiro de 1997, tomam posse os novos corpos dirigentes do Club Fareense, na sua maioria provenientes do grupo dos antigos alunos do Liceu de Faro - “anos 60”. Com esta Direcção, presidida pelo Dr. Fernando Martins Santos, o Club prossegue no seu programa de abertura à cidade, recebendo cada vez mais diversos eventos culturais.

Usando as palavras do actual Presidente da Direcção, Eng. Augusto Miranda, no jantar comemorativo dos 155 anos do Club referindo-se a essa transição, a essa forma de “estar” do Club Fareense na década de 90, o “Grupo dos Antigos Alunos do Liceu de Faro assumiu os destinos do Club Fareense, com a realização de espectáculos memoráveis, que constituíram uma lufada de ar fresco na Cidade, e revitalizaram o Clube, que se encontrava praticamente fechado à sociedade fareense, com excepção das festas anuais e de alguns bailes”.

# O CLUB FARENSE DE 1997 A 2013

*Carlos Afonso*

Professor | Presidente da Direção do Club Farense de 2001 a 2006

---

## **“Belle de Jour” o jogo na história do Club Farense**

Olhando para a história de mais de século e meio do Club Farense, podemos constatar a existência de um longo período, de cerca de um século, durante o qual as suas principais características e modo de funcionamento se mantiveram com poucas alterações. Já muito bem descrito no anterior número dos Anais do Município pelo Arquitecto António Santos, trata-se de período em que o Club Farense é marcado pelo seu carácter fechado e exclusivo, onde apenas tinham lugar as elites económicas, políticas e sociais da cidade. As suas actividades eram essencialmente viradas para o convívio e recreio das “famílias bem” do burgo. Bailes e festas, intercaladas por alguns “saraus” de cariz (mais ou menos) cultural, decorriam sobretudo no salão. Pelos relatos de antigos sócios, convivia-se (sobretudo os homens) na biblioteca, na sala das colunas e no bar. Além disso, “damas e cavalheiros” dividiam as 2 salas de jogo existentes. As senhoras jogavam sobretudo a canasta e o crapô, enquanto, na sala ao lado, os homens se juntavam para jogar poker, king, rami, baccarat..., quase sempre a dinheiro. Com menos participantes e “a brincar”, jogos como o gamão, xadrez, bridge ou mahjong.



Poker

Esta referência ao jogo é importante para compreender a evolução do Club. A partir dos anos 60 do século XX o convívio das famílias nas associações começa a decrescer, para o que terá sido determinante a existência da televisão nas suas casas. O Club Farense terá sido uma das eventuais primeiras “vítimas” dessa revolução tecnológica pois, de início, apenas os que tinham maior poder económico possuíam televisão. Com o convívio a desaparecer e as actividades culturais reservadas a umas poucas datas do ano, o jogo vai ocupando um papel central na vida do clube. Tanto que era cada vez mais a principal fonte de receitas da instituição, através do pagamento dos “baratos” no jogo a dinheiro, isto é, cada jogador pagava uma determinada quantia por hora de jogo, e quanto mais “fortes” eram as mesas mais se cobrava. Não é difícil perceber que este tipo de jogo, vulgo batota, era uma bóia de salvação para as direcções, dada a exiguidade das receitas das quotizações, praticamente a única fonte alternativa de rendimento. E assim o Club Farense, entre as décadas de 70 e 90 do século passado, aos olhos dos farenses é um Club de “gente fina” mas também “de batoteiros”!

Uma espécie de “Belle de Jour” de Buñuel, filme onde Séverine (Catherine Deneuve) é uma personagem que alterna nos papéis de mulher burguesa, séria e casada, que passa as suas tardes trabalhando num bordel. No pico deste ciclo da batota, o Club Farense transforma-se num autêntico casino clandestino. Para isso contribuiu a introdução da “Banca Francesa”. Banca francesa que se jogava durante a noite até de madrugada, numa sala interior (actual sala de Direcção), para evitar ouvir-se na rua a inevitável algazarra. As autoridades tinham conhecimento mas fechavam os olhos, pois nos corpos sociais do Club havia sempre gente com influência. A título de curiosidade, houve episódios



Banca Francesa

que ilustram o ambiente nocturno no clube nesta altura. As bancas iam a leilão por períodos de algumas horas e atingiam centenas de contos, cabendo ao clube uma percentagem do valor de cada banca arrematada. A quantidade de dinheiro em jogo fazia com que os “banqueiros” se fizessem acompanhar por guarda-costas, muitas vezes armados. Desde uma granada (felizmente com cavilha) lançada para cima da mesa de jogo até a um “apagão” que permitiu que alguém agarrasse em todo o dinheiro e fugisse, tudo podia acontecer naquela altura.

Uma nota, o Arquitecto Santos refere, no seu texto sobre o período de 1863 a 1997, que o Club Fareense não foi ocupado durante o processo revolucionário a seguir ao 25 de Abril, pelo facto de o seu funcionário Sr. Sousa ser militante de PCP, o que teria protegido as suas instalações de apetites revolucionários. Permita-se-me discordar: o jogo, principalmente a banca francesa, movimentava quantias muito grandes. Lucrava o clube mas também os seus funcionários, que eram quem assegurava a recolha das percentagens dos leilões. Lucravam ainda com as receitas do bar, que servia ceias, chegando a ter um cozinheiro profissional. Nesta altura, o Club Fareense chegou a ter depósitos a prazo algo avultados, se atendermos às dificuldades por que passava anteriormente.

Não obstante a influência do Sr Sousa, foi verdadeiramente o jogo que impediu essa ocupação. Tivesse o Club Fareense continuado elitista e altamente burguês, como era nos anos anteriores, e a história seria outra... Para terminar este tema, resta referir que o jogo clandestino terminou em 1983, após uma das eleições mais concorridas da história do Club Fareense, à qual se apresentaram 2 listas (caso raríssimo), tendo saído vencedora a que se opunha à existência do jogo ilegal. No entanto continuaram os jogos de sala, embora as receitas dos “baratos” tivessem diminuindo. A associação do jogo à imagem do clube foi-se apagando gradualmente com a chegada do Grupo dos Anos 60 à direcção. O jogo, na forma de “batota”, definitivamente desapareceria do Club Fareense em 2005, com a sua escolha para sede da Missão de Faro Capital da Cultura nesse ano.

## “Sala de Visitas da Cidade”

Com a presença maioritária de elementos do Grupo dos Antigos Alunos do Liceu de Faro - Anos 60 na Direcção a partir de 93, a imagem de um clube dirigido por “gente fina onde só se jogava à batota” começa a alterar-se. Ainda contribuiu para isso a eleição sucessiva de dois Presidentes da Autarquia, muito próximos daquele grupo: João Botelho e Luís Coelho, também eles da geração

de 60 e antigos alunos do Liceu de Faro. A partir daí, entre o Club Fareense e a autarquia começaram a ser estabelecidos protocolos de colaboração, iniciando uma abertura do clube à cidade através de actividades de animação e cultura, ora levadas a cabo pelas Direcções, ora por iniciativa da própria Câmara Municipal. Esta colaboração teve também um papel decisivo na recuperação do edifício, em termos de obras de remodelação e equipamentos. O Club Fareense, aberto à cidade e com alguma oferta cultural iniciou-se nos anos 90, desenvolveu-se na primeira década deste século até figurar actualmente entre as associações deste tipo com melhor e mais regular programação cultural do país. Neste trajecto, há uma referência incontornável: o Engº Augusto Miranda. Foi fundamental enquanto Vice-Presidente da Câmara de Faro e vereador com o Pelouro da Cultura, em dois mandatos autárquicos, e é desde 2013 Presidente do Club Fareense.

Logo em 1998, o Club Fareense recebeu a visita do Ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho que veio a Faro participar na homenagem ao poeta fareense António Ramos Rosa.



Visita do Ministro Manuel Maria Carrilho



Homenagem a Ramos Rosa.

Sensibilizado para a necessidade de ser dada continuidade à recuperação do edifício, atribuiu um subsídio de 4.500 contos. Esta verba, a juntar aos valores que a autarquia foi disponibilizando no quadro dos protocolos anuais, permitiu que na acta da reunião de Direcção de Maio de 2000, presidida pelo Dr. Fernando Santos, constasse que os objectivos definidos desde a entrada do Grupo Anos 60, no que dizia respeito a remodelações, mobiliário e equipamentos, tinham sido atingidos.

Neste período, outro facto preponderante se deu na história do Club Fareense com a escolha das suas instalações para acolher a Missão de Faro Capital Nacional da Cultura 2005.

Chefiada pelo também ex-aluno do Liceu de Faro nos anos 60, Professor Doutor António Rosa Mendes, a Missão ocupou, durante cerca de 2 anos, grande parte do edifício - Biblioteca, Sala das Colunas e Sala de Jogo das Senhoras. Aberto aos sócios e visitantes ficaram o bar, a sala de jogo dos homens e o salão nobre, onde continuou a haver eventos do clube, da autarquia e da própria programação da Missão.

A compensação financeira pela cedência das instalações à Missão de Faro Capital Nacional da Cultura, aliado aos protocolos de colaboração com a Câmara Municipal, trouxe algum desafogo financeiro ao Club Fareense. Porém, em 2008, como revelam as actas das reuniões de direcção, as dificuldades financeiras surgem de novo. As razões para isso encontram-se no fim das receitas com o carteadado e a diminuição das verbas dos protocolos com a autarquia. Entretanto, apesar das obras de remodelação feitas, o problema estrutural do telhado continuava por resolver. Um problema que começa a ser referido nas actas em 1920! Porém, em 2009, um apoio extraordinário da Câmara, para onde o Eng.º Augusto Miranda voltara a ser eleito vereador em 2005, permitiu obras profundas naquela parte do edifício, bem como a reactivação dos Protocolos com a autarquia. Merece ser referida a acção do Arquitecto António San-



Faro Capital da Cultura.



Brasão dos Pantoja.



Emblema do Club desenhado na sua entrada.

tos, em todo este percurso das remodelações e obras no interior e exterior do Club Fareense. Todas estas intervenções, desde 1993, tiveram nele o seu mentor e decorreram sob sua orientação. Em 2013, ano dos 150 anos do Club, o Arquitecto António Santos apresentou a candidatura oficial do Solar dos Pantoja à classificação de “Imóvel de Interesse Concelhio”. Ainda sobre a acção do Arquitecto António Santos nesta área, vale a pena referir um facto curioso: a recolocação do brasão da família Pantoja, na fachada do edifício. O brasão havia sido retirado logo a seguir à implantação da República e depositado numa arrecadação da Câmara, juntamente com outros brasões de casas de notáveis do concelho. Tratava-se de uma decisão política, disfarçada de medida fiscal: as casas que ostentassem um brasão nas suas fachadas passariam a pagar o dobro do imposto municipal. Em 1996 na Câmara de Faro, durante uma conversa entre o Professor Pinheiro e Rosa e o Arquitecto António Santos, o primeiro referiu qual era e onde estava aquele brasão, arrancado havia mais de 80 anos. Na sequência disso, o Arquitecto falou com o então Presidente da Câmara, Dr. João Botelho, que se prontificou a mandar recolocá-lo na fachada do Club Fareense. Enquanto isso, no interior, o átrio de acesso à escadaria de entrada seria calcetado com o desenho do emblema do Club. Falta ainda decidir o local da fachada onde colocar o brasão. O arquitecto António Santos reflectiu e, com alguma surpresa, no local escolhido ainda lá se encontravam 2 espigões de ferro que outrora o seguravam, o que ilustra bem o seu valioso trabalho na recuperação do património edificado que alberga o Club Fareense.

Neste período (1997-2013), a actividade recreativa e cultural do Club Fareense foi aumentando de forma regular e intensa, se tivermos em conta o ponto de partida. O convívio entre sócios teve um enorme incremento e levaram-se a cabo múltiplas iniciativas - conferências, concertos, exposições, festas temáticas, etc. Também ali, muitas Associações e Instituições públicas e privadas levaram a cabo actividades.

O Club Fareense estava definitivamente de portas abertas à comunidade. Em 21 de Novembro de 2013, tomou posse uma nova Direcção, liderada pelo Eng<sup>o</sup> Augusto Miranda, e o Club Fareense iniciaria o seu período de afirmação como instituição cultural relevante.

# O CLUB FARENSE DE 2013 A 2023

*Augusto Miranda*

Professor | Presidente da Direcção do Club Farense de 2013 à actualidade

---

## A Sala ao Sul

No ano de 2023, em que o Club Farense completa 160 anos de existência, sem qualquer interrupção na sua actividade, cabe-me dar continuidade aos contributos para a sua história, já desenvolvidos por presidentes que me antecederam na Direcção, o Dr. Carlos Afonso e o Arq. António Santos.

Em 2013, aquando das comemorações do 150º aniversário do Club, várias conversas fui mantendo com o Arq.º António Santos, colaborando com a realização de algumas iniciativas do Plano de Comemorações que a Direcção de então planeou e que tinha como um dos seus momentos altos o desenvolvimento de uma Grande Exposição Sobre os 150 anos da vida do Clube, exposição constituída por vários painéis elucidativos da riqueza da sua história, tendo o sócio José Cabecinha dado um contributo importante na pesquisa de elementos e na sua organização.

Bem-haja a essa Direcção presidida pelo nosso Arq.º António Santos que, passando o Club por grandes dificuldades financeiras, reuniu forças para, com dignidade, comemorar os 150 anos do Club Farense, envolvendo os sócios na preparação de importantes iniciativas. O ano de 2013 foi, na realidade, um ano de início de um novo ciclo na vida do Clube, porquanto se constituiu como uma semente desafiadora para uma programação cultural consistente, diferente das realizações pontuais que até então pontificavam. É neste contexto que sou desafiado para apresentar uma lista para o biénio 2014-2015. A nova Direcção - Augusto Bessa Pinto de Miranda, Adérito Rodrigues Melro, Virgínia Alpestana, Carolina Belchior Afonso e José Rodrigues Gomes - tomou posse em Dezembro de 2013, cons-



Exposição do 150º Aniversário, 2013



Exposição do 150º Aniversário, 2013

tando da Acta da sua primeira reunião o propósito de manter as realizações imagem de marca do Clube, Festa de Carnaval, Festa de Natal e bazar de Natal”, mas simultaneamente “avançar com reuniões com outras instituições da cidade, tendo em vista realização de parcerias para desenvolvimento de uma estratégia cultural para a nossa associação.

Neste elenco, posteriormente, entrou o Eng.º Fernando Neto, substituindo a Prof.ª Virgínia Alpestana. As realizações “imagem de marca” eram muito importantes, porque eram a grande fonte de receitas para manter a vida do Club, sendo de realçar as receitas do Bazar de Natal, todos os anos realizado por um conjunto de associadas com a coordenação e empenho da Dra. Beatriz de Medeiros. Rapidamente o Club Farense se tornou num local onde muitas parcerias se desenvolveram e as suas instalações se disponibilizaram para sessões variadas de outras instituições da Cidade e do Concelho. Aqui têm realizado Assembleias Gerais e diversas iniciativas a CIVIS, Associação para a Cidadania, a Casa de Coimbra no Algarve, a Alliance Française, a Associação de Blues do Algarve, a Câmara Municipal de Faro, a Associação de Fado do Algarve, a Universidade do Algarve,

o Grupo de Teatro Lethes, o Museu Zero e muitas outras, sendo também as nossas instalações, com frequência, pedidas para apresentação de candidaturas políticas do nosso espectro partidário.

Numa primeira fase procuramos dar um sinal claro de abertura do nosso espaço a um leque cada vez mais largo da população, programando iniciativas desde sessões para bebés e crianças, ao sábado de manhã, audições musicais comentadas, com o Maestro João Miguel Cunha (realização de 20 sessões em 2016/2017 ao fim da tarde) apresentação de livros, realização de palestras com nomes conhecidos como o Dr. João Cravinho, Dr. Laborinho Lúcio, desta forma trazendo ao



Teatro Lethes no Club.

Club Fareense muita gente que nunca nele tinha entrado. Iniciativas diversas como o ciclo “Arqueologia às Sextas”, o ciclo “Eleições na Europa” ou as Sessões “Entre Arquivos” constituíram-se, com a nossa programação regular, num factor de afirmação do Club Fareense no panorama cultural da cidade. O Maestro Vitorino de Almeida com Nádia Sousa e a Pequena História da Música Francesa, com dois espectáculos esgotados e Viviane e o Chef Hélio Loureiro com “À Mesa com a Música Francesa” foram eventos que cimentaram a crescente afirmação do Club Fareense na cidade e na Região.



Sessão para bebés e crianças



Audições comentadas – Vivaldi



Conferência Eng.º João Cravinho



Maestro Vitorino d’Almeida e Nádia Sousa  
“Pequena História da Música Francesa”



Viviane e Chef Hélio Loureiro  
“À Mesa com música francesa”



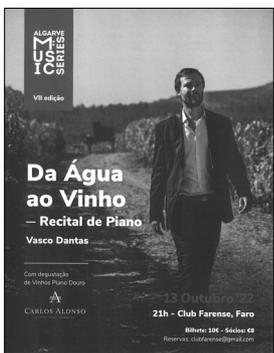
Viviane Ciclo “Musica no Feminino”



Salão recebe o 155º Aniversário



Mesa com a Família Esquível



Da Água ao Vinho – Algarve Music Series e Vasco Dantas

Esta actividade e abertura tiveram um momento alto nas comemorações dos 155 anos do Club Farense, em 2018, que culminaram com um grande jantar comemorativo com espectáculo de canto e música com Ricardo Coelho e Ana Newton, tendo estado presente uma centena de sócios e convidados, dispostos em 10 mesas no Salão de Festas.

A estas mesas foi dado o nome de nove sócios fundadores, tendo a décima mesa o nome da primeira senhora sócia do Club Farense, D. Emília Corrêa de Marcelo, admitida em 1922, depois de processo de admissão complicado e já descrito em anteriores apontamentos históricos do nosso clube. Neste dia comemorativo, precisamente na Mesa n.º 10 estiveram a D. Ana Esquível, e sua filha Professora Dra. Maria da Glória Esquível, proprietárias do Solar dos Pantojas, que nos honraram com a sua presença.

Fruto de toda esta actividade, a nossa casa passou também a ser procurada para eventos de dimensão internacional, como é o caso do Algarve Music Series, Festival anual, promovido pelos conceituados músicos Vasco Dantas (pianista) e Isabel Vaz (violoncelista), sendo também palco

do Festival Internacional de Guitarra de Faro.

Fomos construindo uma *mailing list* com mais de 1300 endereços, para que as nossas realizações chegassem a um número crescente de pessoas, processo complementado com a angariação de novos sócios. Pelo meio, não esquecemos a manutenção das instalações, certificando a instalação eléctrica e a de gás, reparando o tecto do Salão de Festas e muitas superfícies de outras divisões, com pintura das paredes exteriores e, muito importante para o desenvolvimento dos nossos projectos na área da música, a aquisição de um piano C3 da Yamaha que custou 14 mil euros e que teve o apoio da Câmara Municipal de Faro no valor de dez mil euros.

Além de um belíssimo e bom instrumento, é um Piano “amigável”, assim o definiu o Maestro António Vitorino d’Almeida, depois do seu concerto com a Nádia Sousa. Aqui ensaiou a grande Maria João Pires quando veio tocar a Faro pela última vez.

Pela consulta à programação destes últimos anos, pode constatar-se o eclectismo da mesma, com eventos que vão do Teatro à Música, dos livros à Poesia, do Rock à Música Tradicional, do Fado ao Jazz e ao Clássico. Verifica-se a partir de determinada altura, a preocupação com uma programação temática, procurando uma regularidade nas iniciativas, tendente a uma criação de públicos, embora diversificando as áreas de intervenção. Nesse contexto aparece numa primeira fase o Jazz no 2º Domingo do Mês que, com o convite ao Zé Eduardo para Director Artístico, rapidamente evolui para o projecto Copo de Jazz / Glass of Jazz, com João Paulo Melro como 2º programador.

Este projecto tem trazido ao Club Fareense consagrados nomes do Jazz que se faz em Portugal, com relevo para Carlos Barretto, Mário Delgado, Desidério Lázaro, André Murraças, Miguel Martins, José Salgueiro, João Paulo Esteves da Silva, Nanã Sousa Dias, Ricardo Toscano, Tomás Pimentel, Rita Maria, Paula Sousa, Armindo Neves e tantos outros. Deste projecto que continua bem vivo e uma das nossas principais áreas de actuação, resultou a 1ª edição de um CD com temas escolhidos pelo Director Artístico, verificando-se também a necessidade de avançar com a realização de Jam de Jazz, da responsabilidade do Zé Eduardo. Estas Jam desaguaram num projecto mais alargado - as Quintas no Club. Na primeira e terceira Quintas do mês ocorre uma Jam de Jazz junto ao Bar, havendo na 2.ª quinta, Poesia, sendo a 4.ª quinta a nossa “Quinta Clássica”, aberta a uma parceria com o Conservatório Regional de Música do Algarve.



O novo Piano



O novo Piano e Maria João Pires



Copo de Jazz / Glass of Jazz - Zé Eduardo Convida...



Jam Session Junto ao Bar

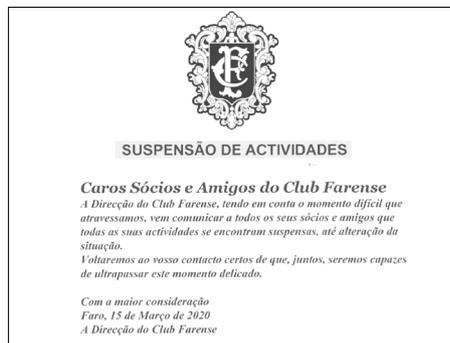


2021 Evento em Plano de Contingência



O Último Natal, 2022

Este trabalho de afirmação do Club Fareense sofreu, tal como o país, com o aparecimento da pandemia, que levou ao encerramento total das actividades, a partir de 15 de Março de 2020.



Suspensão de Actividades

As actividades foram mais tarde retomadas, com implementação de um Plano de Contingência, com limitação de lugares no Salão de Festas a cerca de 45, tendo a afluência de público diminuído drasticamente.

Raramente se ocupou a totalidade desses lugares. Só em finais de Fevereiro de 2022 retomámos a programação normal tendo a afluência de público vindo a subir gradualmente, podendo dizer-se que estamos, actualmente, a ter assistências do mesmo nível que as anteriores à pandemia.

Sendo 2019 o último ano “inteiro” de que podemos apresentar registos, deixamos um quadro onde se pode verificar que num total de 87 iniciativas, a maioria próprias, passaram pelo Club Fareense 5.756 espectadores. Claro que a este número acresce o de visitantes nacionais e estrangeiros que, com frequência, sobem as nossas escadas para dar uma olhada ao Club e tantas vezes se surpreendem com o que encontram. Tentamos, a todo o custo, manter o espaço com a

dignidade que merece o Palacete Pantoja, imóvel classificado de Interesse Público. Importa dizer, que normalmente a realização de eventos é interrompida na última semana de Junho, sendo retomados no princípio de Outubro. O motivo tem a ver com as condições térmicas do nosso Salão de Festas que, apesar de colocação de películas de protecção nas vidraças do alçado tardoz, tornam o ambiente impróprio para a realização de espectáculos. Assim, o quadro que apresentamos diz respeito a 9 meses de actividade, que representam quase 10 eventos por mês, actividade só possível com a carolice de muita gente, para além do elenco Directivo, que dia a dia vai honrando o desígnio com que em 1863 um grupo de homens bons de Faro resolveu avançar para a criação daquele que, seguramente, é um dos Clubes mais antigos do País.

Em 2019 foram realizados os eventos, com as assistências que apresentamos:

Agora, no ano do nosso 160º Aniversário, com uma Direcção onde entraram novos e jovens elementos, com destaque para o Engº. Francisco Afonso Rita e a Dra. Joana Campos Coroa, estes têm de agarrar o testemunho e enquadrar o Club com as exigências dos novos tempos, dotando-o de condições que permitam uma maior autonomia para o nosso funcionamento diário. Está na ordem do dia a instalação de ar condicionado, que permita realizações durante o Verão, equipamento de som e de luz próprios e, acima de tudo, o rejuvenescimento do nosso tecido societário, chamando ao Club Farenses novos protagonistas, para novos desafios.

O futuro espera-nos.

Tipo de evento	N.º realizações	Assistência total
Jazz	17	788
Jam sessions	9	745
Teatro	1	93
Ópera	1	111
Espectáculos musicais	21	1 605
Meia maratona de fado	1	110
Festas (Carnaval e Natal)	2	329
Aniversário	1	130
Outras colaborações	8	260
Exposições	3	185
Partidos políticos	5	200
Colaborações CMF	2	60
Apresentação de livros	6	300
Outras actividades	6	750
<b>Total geral</b>	<b>87</b>	<b>5 756</b>

Eventos em 2019

# Club Farense

ORGÃOS SOCIAIS PARA O BIÊNIO 2023 - 2024

## ASSEMBLEIA GERAL

### **Efectivos:**

António Manuel Grosso Correia  
Elsa Maria Ribeiro de Sousa Tomé  
Fernando Manuel Caratão de Campos

### **Suplentes:**

Luís Filipe Alves Afonso  
Lídia Mendonça Gago  
António Cândido Ferreira dos Santos

## DIRECÇÃO

### **Efectivos:**

Augusto Bessa Pinto de Miranda  
Adérito Rodrigues Melro  
José Rodrigues Gomes  
Carolina Belchior Afonso  
Fernando Luís de Sousa Neto  
Joana Maria Machado Campos Coroa  
Francisco Afonso Rita

### **Suplentes:**

Carlos Manuel Alves Afonso  
Maria Ricarda Vicente de Brito Vasco  
Carlos Bento Leal  
Maria Albertina Felizardo Viegas  
Emílio José Campos Coroa  
Agostinho Jorge Fernandes Barbas  
António Centeno Serrano Santos-

## CONSELHO FISCAL

### **Efectivos**

António Joaquim Simões Vasco  
Fernando Brito Silva Martins  
Edgar Lopes Gago

### **Suplentes:**

João Miguel Nascimento  
João Cassinelo Dias  
Vítor Manuel Pires Leal

### **Não eleitos e Indispensáveis:**

Carlos Nuno Fantasia de Sousa - Atendimento, bar, xadrez e afins  
Idelberto da Encarnação Dores - Técnica, som, luz, reparações e todas as emergências



Club Farense, 160 Anos  
1863-2023

ISBN 978-989-35305-2-8



9 789893 530528 >